

DUTRA, Luiz Henrique de Araújo.
Oposições filosóficas; a epistemologia e suas polêmicas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005, 191p.

O livro mostra-se um valioso apoio para quem se encontra no processo de construção de metodologia de pesquisa. Trata-se de cuidadosa revisão

da filosofia da ciência, por meio de *oposições filosóficas*. A bibliografia reúne 130 títulos, enquadrados em uma divisão didática para a caracterização das tradições e dos sistemas filosóficos, como mostrarei a seguir.

Em primeiro lugar, contrapõe o ceticismo metodológico e o pirronismo ao dogmatismo, considerando não existir “uma forma auto-refutatória de ceticismo, que coincidiria com a imagem vulgarizada do cético”. O que existe é uma “forma metodológica que deriva da estratégia argumentativa dos filósofos modernos” (p. 21). Ela é expressa na atitude dubitativa de Descartes: se “a qualquer momento nossas opiniões podem ser motivo de dúvida, o mais prudente é, de antemão, duvidar de todas elas”. São reconstituídos argumentos que levaram ao “ceticismo a respeito do mundo exterior”, centrados no solipsismo:

[...] a hipótese da realidade mental do eu e de que o mundo seria, antes de tudo, uma representação de cuja veracidade não estamos certos. Assim, o problema é aquele da realidade do mundo físico, do mundo exterior, o mundo *fora da mente*. Para a teoria do conhecimento desde então, provar a realidade de um mundo extramental seria um desafio epistemológico lançado pelo ceticismo aos filósofos. Esta é uma das formas pelas quais o ceticismo é debatido pelos filósofos até hoje. (p. 30)

É retomado o debate sobre o ceticismo pirrônico que “não nega as aparências, isto é aquelas experiências imediatas de sentir ou pensar” (p. 35), mas diferencia a expressão das experiências em relação à enunciação de uma tese sobre essas experiências. Adota um critério pragmático de demarcação entre a manifestação de uma experiência co-

mum, compartilhada, e o enunciado de uma tese: viver pelas aparências “consiste em seguir as manifestações da natureza (inclusive de seu próprio corpo) e os costumes da sociedade em que se vive (inclusive suas leis e as consequências morais que elas acarretam)” (p. 36). É a *diafonia* (as vozes discordantes) que estabelece o caráter teórico e dogmático.

Raciocínio similar é encontrado na distinção de Quine sobre “enunciados *observacionais* (aqueles que possuem apenas termos de observação) e enunciados *teóricos* (aqueles que também possuem algum termo que não pode ser considerado significativo apenas com referência a observações)” (p. 37). Considerado o salto temporal, a possibilidade de atualizar a perspectiva cética tem como ponto crucial o problema de “saber se as evidências de qualquer tipo – experimentais ou não – são suficientes para abraçar ou para abandonar uma teoria” (p. 43).

Uma segunda tradição abordada pelo autor é o positivismo de Comte e positivismo do Círculo de Viena. Tomando o positivismo como o grande opositor das doutrinas metafísicas, o autor apresenta o positivismo de Auguste Comte, mas sua ênfase recai sobre a postura instrumentalista de Carnap e Neurath. Carnap concentra-se na questão da construção dos objetos, projetando uma construção lógica do mundo para uma ciência unificada e Neurath deu especial destaque ao tema das leis. Das críticas ao neopositivismo (ou positivismo lógico, ou empirismo lógico), a partir dos anos de 1960, emergem diversas filosofias da ciência alternativas, associadas aos críticos como Quine, Kuhn, Hanson e Popper. Como afirma Dutra:

Entretanto, foi por desafiar a filosofia tradicional e adotar seus critérios tão estritos que o positivis-

mo lógico se tornou a primeira filosofia da ciência profissionalizada e moderna, deixando para trás as idéias de filósofos tradicionais, como Platão, Aristóteles e Kant, e passando a ser um domínio específico de discussão sobre a ciência, centrado no tratamento de problemas epistemológicos, e não em doutrinas filosóficas previamente elaboradas. (p. 66)

Em terceiro lugar, o autor discute o naturalismo, doutrina relacionada ao caráter problemático da epistemologia: se “ao estudar o conhecimento humano e as ciências, a epistemologia apenas descreve os fenômenos cognitivos, como a física faria com os fenômenos do movimento” (p.75); ou se está lidando com algo que escapa ao domínio da natureza, como processos lógicos e não naturais. Essa doutrina opõe-se ao fundacionismo, pois este quer encontrar conceitos primitivos e inatacáveis do sistema do saber humano, e um método para inferir todos os demais conceitos. Associa-se a uma “concepção axiomática do saber, que é típica da lógica e dos diversos ramos da matemática” (p. 78), e ao procedimento que pode ser tomado como “uma regra correta” (p. 80). Mas como se *corrige* uma regra, até que essa seja uma *regra correta*?

Os naturalistas procuram soluções falibilistas para compreender o conhecimento humano e as ciências empíricas, e criticam a concepção tradicional e normativa do conhecimento como “crença verdadeira e justificada” (p. 83). É reconstruído o argumento de Hume para o tratamento de crenças sobre a constituição e o funcionamento do mundo, por meio da experiência e da observação. O tratamento não é lógico: “nossa abordagem para discutir e avaliar o conhecimento humano deve ser semelhante a nossa abordagem para

compreender outros processos naturais” (p. 86). O hábito pode ser descrito por meio de “uma hipótese empírica plausível” e não por meio de demonstrações lógicas (p. 89). Destaca-se a *epistemologia naturalizada* de Quine, pela qual o autor defende uma nova epistemologia, “que seria a associação de ramos da psicologia empírica e linguística” (p. 91).

Dutra analisa ainda o instrumentalismo (em diversas versões), compreendido como uma concepção segundo a qual os enunciados teóricos das ciências não podem ser verdadeiros nem falsos, porque não podem corresponder a estados de coisas (p. 101). Opõe-se ao realismo, mas os enunciados podem ser considerados instrumentos teóricos de predição; essa postura é denominada *instrumentalismo epistemológico*, associada a “uma interpretação literal dos enunciados teóricos” (p. 102). A posição exemplar é aquela sustentada por Bas van Fraassen em seu *empirismo construtivo*.

Ainda que de modo simplificador, a *metafísica* pode ser conceituada como “a questão sobre a realidade do mundo exterior”, e a *ontologia* como “uma parte da metafísica, ou aquela disciplina que se ocupa do ser, do ente e do que há”. É da questão ontológica que se ocupam os instrumentalistas e os realistas. As considerações são expostas, detalhadas e também resumidas em um quadro esquemático, distinguindo-se dois tipos de realismo (as teorias científicas são verdadeiras ou falsas, as entidades inobserváveis existem ou não no mundo) e a oposição a cada um deles (instrumentalismo e ficcionismo).

A quinta tradição discutida no livro é o behaviorismo situado em oposição ao mentalismo, que deriva da posição *dualista* (Descartes), sobre a composição do ser humano: corpo e alma, como substâncias distintas. A partir desse prisma, o behaviorismo “implicaria em uma concepção

monista, segundo a qual todos os processos de que tratam a filosofia e a ciência são partes da mesma natureza material do mundo” (p. 130).

As versões do behaviorismo caracterizadas são: *behaviorismo definicional* (que pode ser encontrado em Carnap); *behaviorismo analítico* (que pode ser encontrado em Gilbert Ryle), *behaviorismo programático* (o da psicologia experimental). É apresentado o debate entre crença e comportamento, retomando-se o debate com os filósofos modernos (a comparação de estados mentais com estados físicos) e os empiristas britânicos (oposição a idéias inatas).

Tem, ainda, um panorama das concepções da filosofia contemporânea (Carnap e Quine), em termos empiristas, “uma crença é uma disposição do indivíduo, uma disposição para a ação, ou, mais precisamente, para agir de determinada maneira” (p. 139). Invoca-se o debate entre *internalismo* (a ação e o conhecimento são explicados com referência a entidades e processos mentais, identificados com fenômenos neurofisiológicos) e *externalismo* (o conhecimento e o comportamento são explicados com referência a fatores ambientais) (p. 146). E o debate sobre *intencionalidade*, remetendo-se aos “assuntos tipicamente humanos, que são os temas das ciências sociais em geral”. Os intencionalistas afirmam que “os behavioristas até hoje foram incapazes de lidar com a intencionalidade” (p. 151). Dutra apresenta, entusiasticamente, o *behaviorismo teleológico* de Rachlin para uma contraoposição.

Finalmente, o autor apresenta uma discussão sobre o pragmatismo. Caracteriza a epistemologia kantiana enquanto “a forma mais bem acabada do intelectualismo (ou racionalismo) ao qual os pragmatistas se opõem” (p. 159), enfatizando a teoria de investigação elaborada por Dewey. Expõe a

doutrina das faculdades (sensibilidade, entendimento e razão), a distinção entre conhecimento empírico e conhecimento racional e a demarcação entre as “questões de fundamentos do pensamento em geral e a descrição do mundo da experiência, de acordo com os padrões epistemológicos ditados pela filosofia” (p. 160). Apresenta o tema dos juízos (sintéticos e analíticos, operações mentais) e problematiza a idéia de investigação apenas como operações mentais. Os pragmatistas negam a dicotomia presente na idéia segundo a qual se pode “ou agir sem pensar ou pensar sem agir” (p. 167). É com esse princípio que o pragmatismo nega a separação tradicional entre teoria e prática. “Dewey fundamenta sua teoria na concepção adaptacionista (de tipo darwinista) segundo a qual há continuidade entre o natural e o social” (p. 168). A investigação é definida como:

[...] a transformação controlada e dirigida de uma situação indeterminada (de dúvida) em uma outra de tal forma determinada de modo a converter os elementos da situação original em um todo unificado em suas distinções constitutivas e relações (uma situação de crença – ou assertibilidade garantida). (p. 171)

O leitor poderá obter mais informações sobre Luiz Henrique de Araújo Dutra em <www.cfhd.ufsc.br/~lhdutra>, inclusive sobre o livro de sua autoria, *Epistemologia da aprendizagem* (Rio de Janeiro: DP&A, 2000), no qual abre um canal com a pedagogia.

Gesuína de Fátima Elias Leclerc
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba
E-mail: gesuina.leclerc@terra.com.br